

**FUNDAÇÃO SÃO MIGUEL ARCANJO
FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS.**

A CONCEPÇÃO DO PRAZER NA ÉTICA ARISTOTÉLICA.

ANÁPOLIS

2017

YGOR ANTONIO DE FARIA OLIVEIRA

A CONCEPÇÃO DO PRAZER NA ÉTICA ARISTOTÉLICA.

Trabalho apresentado como requisito parcial para a obtenção do diploma de graduação no curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Faculdade Católica de Anápolis (FCA).

Orientação: Pe. Ms. João Batista de Almeida Prado Ferraz Costa.

ANÁPOLIS

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

YGOR ANTONIO DE FARIA OLIVEIRA

A CONCEPÇÃO DO PRAZER NA ÉTICA ARISTOTÉLICA.

Trabalho apresentado como requisito parcial para a obtenção do diploma de graduação no curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Faculdade Católica de Anápolis (FCA).

BANCA EXAMINADORA

1. _____
Prof. Ms. Pe. João Batista de Almeida Prado Ferraz Costa (Orientador / FCA)
2. _____
3. _____
4. _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, em agradecimento por todo apoio e carinho que me deram ao longo de todo o curso. Dedico também a minha namorada Heloisa, por todo o incentivo e bons conselhos, por sua paciência e companhia que possibilitaram a conclusão deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1.0 VISÃO HISTORICA DE ARISTÓTELES	09
2.0 O QUE É O PRAZER?	10
2.1 OS TIPOS DE PRAZERES	12
3.0 A RELAÇÃO ENTRE PRAZER E VIRTUDE	15
3.1 A CONTINENCIA E A INCONTINENCIA	15
3.2 A TEMPERANÇA E A INTEMPERANÇA	17
4.0 SOBRE O PRAZER E O BEM	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	23

RESUMO

O tema do prazer na filosofia é bastante abrangente, de modo que se encontram diversas ideias e correntes a seu respeito. O seguinte trabalho tem por objetivo apresentar a perspectiva do prazer na ética aristotélica, qual foi definição de prazer feita por Aristóteles, as relações entre o prazer e a virtude e a relação entre o prazer e o bem. O objetivo principal deste trabalho é elucidar questões referentes a este tema, e proporcionar um maior conhecimento do autor e do assunto.

Palavras chave: Prazer, Aristóteles, virtude, relação.

ABSTRACT

The theme of pleasure in philosophy is quite comprehensive so you will find various ideas and currents about it. The objective of this work is to present the perspective of pleasure in Aristotelian ethics, where it was Aristotle's definition of pleasure, the relationship between pleasure and virtue, and the relationship between pleasure and good. The main objective of this work is to elucidate issues related to this topic, and to provide a greater knowledge of the author and the subject.

Keywords: Pleasure, Aristotle, virtue, relationship.

INTRODUÇÃO

O problema do prazer na filosofia moral tem sido desde muito cedo, um assunto de muita controvérsia, Isto se dá, pelo grande número de pensadores que trataram tal tema, sendo que nem sempre foi a sensatez das ideias a atrair quem as defendesse, mas sim a reputação daquele que a ensinava.

As ideias que se têm sobre o prazer nos dias de hoje se assemelham muito a algumas defendidas na Grécia antiga, sendo essas muitas vezes favoráveis à dedicação à vida prazerosa, pois o prazer era visto como um bem e até como o sumo bem. Aristóteles demonstra a relação entre o prazer e o bem, para que ficassem claros os motivos que, não permitiam tal consideração.

Aristóteles também demonstra a relação entre o prazer e as virtudes e quais tipos de prazeres são dignos de serem deleitados, tendo em vista, a racionalidade do homem e a sua natureza, além disso demonstra também que a inclinação a certos prazeres, não está ligada ao vício ou fraqueza de caráter mas pode ser fruto de uma bestialidade.

O trabalho então tem por objetivo responder às seguintes perguntas: O que é o prazer e em que tipos se divide? qual a relação entre prazer e virtude? e qual a relação entre o prazer e o bem?

Este trabalho foi elaborado tendo como máximo objetivo servir como fonte de pesquisa para futuros trabalhos e para promover um maior conhecimento do autor e do tema, dada a profundidade de ambos.

1. VISÃO HISTÓRICA DE ARISTÓTELES.

Aristóteles nasceu por volta do primeiro ano da XCIC olimpíada, por volta de 384/383 a.C., em Estagira na Grécia, na região da Macedônia. Segundo Reale (2004), a cidade de Estagira foi colonizada por povos Jônicos e seu dialeto era o jônico. Aristóteles foi fortemente influenciado por seu pai Nicômaco, que morreu enquanto o filho ainda era jovem, como forma de homenagear seu pai, Aristóteles pôs em seu filho o nome de Nicômaco que infelizmente veio a falecer muito jovem, após editar a ética de seu pai.

Ainda segundo Reale (2004) aos dezoito anos, isto é, 366/365 a.C., Aristóteles se dirigiu a Atenas para aperfeiçoar sua formação e entrou para a academia platônica, ali, ele pode amadurecer-se e polir sua vocação filosófica ao lado da grande figura de seu preceptor Platão pois permaneceu por vinte anos na academia.

Em 343/342 a.C., o rei Felipe chama-o de volta a corte, por influência de Hermias, que era um aliado e ex companheiro de Aristóteles, para que fosse mestre de seu filho Alexandre (que contava treze anos nesta época) Reale (1990), aqui vale salientar, houve o encontro de duas grandes figuras que marcaram a história humana: Um dos maiores filósofos ao lado de um dos maiores imperadores que o mundo já conheceu.

É difícil dizer até que ponto a filosofia de Aristóteles teve influência sobre Alexandre mas sabe-se que suas ideias políticas eram completamente opostas (Reale, 1931).

2. O QUE É O PRAZER?

Durante toda a sua vida o homem busca aquilo que o favorece, busca pela saúde quando está doente, pela riqueza quando é pobre, pela honra quando posto junto a outros indivíduos, e pelo poder quando é miserável, e é natural ao homem que ele busque, afinal elas, o fazem mais feliz do que quando não as possui, Entretanto com o prazer é diferente, o homem não o busca somente para ser feliz que é o seu fim natural, mas o busca quando está acostumado a grandes doses de prazer ou quando se sente mais infeliz ou dolorido, busca por prazer mesmo sem saber, por puro habito se inclina em direção àquilo que o satisfaz.

O prazer tem diferentes significados e alguns deles concordam e divergem uns dos outros, Neste trabalho iremos nos ater ao significado dado por Aristóteles, “Prazer é o ato conforme a natureza” (EN, VII 1153 a; 14 *apud Abbagnano*, 2007), mas tendo em vista um maior conhecimento e aprofundamento deste tema vejamos também, a definição tomista de prazer, tendo em vista que na filosofia ocidental os dois autores que mais estudaram e esclareceram este tema foram Aristóteles e Santo Tomás de Aquino

[...] pois entre os animais e os outros seres naturais há a diferença que estes não sentem, e este sentimento causa um movimento da alma no apetite sensitivo, movimento que é o prazer. É pois genericamente que se diz que o prazer é um movimento da alma. (*S.Th. I-II pars*, Q. 34).

Segundo Tomás de Aquino o prazer é um movimento da alma, comum a nós e aos animais, e o prazer seria gerado pela posse de um bem específico.

Aristóteles ao longo de seu discurso no livro X da ética a nicômaco expõe suas razões ao mesmo tempo que combate a opinião dos demais, em relação ao prazer ele combate as opiniões dos platônicos a respeito da relação entre prazer e bem e também sobre sua definição.

Os platônicos defendem a ideia de que o prazer não é um bem em si mesmo pois admite uma variação para mais ou para menos, portanto é considerado por eles como sendo um movimento, e ainda acrescenta dizendo que é difícil deixar de considerar o prazer como uma espécie de movimento ou geração. O estagirita supera a opinião dos platônicos de dois modos.

Pelo primeiro modo como comenta santo Tomás de Aquino, Aristóteles rebate a ideia de que o prazer seja um movimento afirmando que isso não é exato, pois, “o movimento das coisas ou é rápido ou é lento”. (AQUINO, 2013, pg. 33).

A velocidade e a lentidão não competem ao prazer. Alguns velozmente alcançam o prazer, enquanto outros são provocados pela ira. Mas não podemos dizer que alguém possua um prazer mais veloz ou mais lento, ainda que comparemos um com outro, como ao afirmarmos que alguém anda ou cresce rapidamente e outras coisas deste tipo. Portanto, parece-nos que alguém pode ser levado ao prazer mais lenta ou rapidamente, isto é, alcançando-o por si mesmo. Por isso, até podemos alcançar o prazer em um movimento rápido, mas não acontece [o oposto, ou seja], agirmos rapidamente para obter prazer, pois não depararíamos com um prazer rápido. Deleitamo-nos mais quando o prazer está completo do que quando ele ainda se faz. (AQUINO, 2013 pg. 34).

São esses os argumentos apresentados pelo filósofo em relação à opinião dos platônicos sobre o prazer ser um movimento, mas ele ainda deixa claro o porquê de o prazer também não ser considerado como uma geração.

Segundo Tomás de Aquino (2013, pg. 34), Aristóteles afirma que o prazer não é geração, e que não há importância no que é gerado ou quem o gera, mas sim aquilo que se dissolve no que é gerado. Os platônicos consideram a tristeza o oposto do prazer e que, a geração do prazer põe fim à tristeza. A premissa dos platônicos segundo Tomás de Aquino (2013, pg. 35) é a de que a tristeza é o defeito de nossa natureza, de modo que sentimos dor na separação de algo naturalmente unido, e que por isso afirmam que “o prazer é a compleição, pois seria efeito da união de uma parte a outra naturalmente conveniente” (AQUINO, 2013 pg. 35).

Aristóteles também reprova esta ideia, “a separação e a compleição são apenas paixões corpóreas, e, se o prazer fosse a completude do que é conforme a natureza, seguir-se-ia haver prazer onde nada falta” (AQUINO, 2013 pg. 35), seguindo essa ideia platônica de prazer como completude, o prazer se reduz a um sentimento corpóreo, e segundo Aristóteles o prazer é também uma paixão da alma.

Logo, parece-nos que o prazer não é a compleição ou a geração, mas de fato refere-se ao que vem logo depois dela: a felicidade do saciar do desejado (efeito da compleição), e a tristeza, a dor de sua falta.

A opinião de que o prazer é a completude [ou o saciar do desejado], e a tristeza a sua falta, parece se basear em nossa necessidade de alimentação. O mesmo sujeito que, no início está triste em vista da falta de comida, quando finalmente se sacia, torna-se feliz

na compleição. Todavia, isso não acontece com todos os prazeres, não ocorrendo com aqueles que não nascem do saciar de uma necessidade. (AQUINO, 2013 pg. 35).

Aristóteles deixa claro que alguns prazeres são oriundos do saciar do desejado mas que isso não ocorre com todos os prazeres, como veremos a frente existem diferentes tipos de prazeres, ele também deixa claro que nem todos os prazeres são oriundos da superação das tristezas causadas pela falta, como os prazeres das análises da matemática, e por isso não correspondem aos prazeres da completude, mas se assemelham aos prazeres dos sentidos naturais.

“Por isso, se há prazeres (como os da matemática e o das nossas lembranças) que não nasceram de uma falta anterior – isto é, da tristeza -, concluímos que nem todo prazer é compleição. (AQUINO, 2013, pg. 36

2.1 OS TIPOS DE PRAZERES.

Uma vez que seja aceito que o prazer é necessário para a felicidade, (pois isto parece-nos obvio) é preciso explicar qual prazer em questão, pois existem prazeres de diferentes espécies sendo alguns naturais e outros dignos de serem escolhidos mas que admitem excessos (EN, L VII, 1147b, 23-25). Aristóteles entende a felicidade como sendo a atividade conforme a virtude (EN, L I, 1098b, 32), e resultado de quem vive uma vida venturosa. Sendo assim é legítimo dizer que o prazer que participa da felicidade seja natural e também digno de ser escolhido.

É necessário que o homem se alimente e nisto ele sente prazer e da mesma forma a conjunção sexual é necessária, não somente para a reprodução da espécie mas para a saúde e da mesma forma ele sente prazer, é também legítimo que os homens desejem a honra, a vitória, a saúde e a riqueza (Aristóteles 2001, 1147b, 25-31), pois estes prazeres são dignos de serem escolhidos, e naturalmente desejáveis.

Aristóteles inicia no capítulo treze do terceiro livro da ética, sua classificação dos prazeres relacionados com temperança, Estes por sua vez se distinguem em duas classes. A primeira é relativa aos prazeres anímicos, ou seja, prazeres da alma (ZANUZZI, Inara, pg. 45), estes prazeres são decorrentes

de atividades ligadas à contemplação, por exemplo das proposições matemáticas ou das nossas próprias lembranças e também da especulação filosófica.

Os prazeres anímicos tem por oposto à dor anímica, que é resultado das perturbações da alma, assim como ocorre com o prazer, uma perturbação na alma nos causa uma dor corpórea, imagine a seguinte situação: Um homem recebe a notícia de que sua mãe morreu, e logo se sente mal, o que ocorre neste caso é que a apreensão de tal juízo é processado pela consciência como dor, (ZANUZZI, Inara, pg. 45).

Segundo Zanuzzi (2010), fica claro à distinção feita por Aristóteles entre prazeres corpóreos e não corpóreos, sendo que os prazeres não corpóreos decorrem de uma apreensão do pensamento e não de uma modificação corporal.

A segunda classe na qual o prazer se distingue é a corporal, De acordo com Zanuzzi (2010), Aristóteles qualificou como corporais todos aqueles prazeres que tem origem numa modificação corporal sensível.

Aristóteles faz um adendo, distinguindo interiormente os prazeres corporais que se relacionam com a temperança pois nem todos se relacionam com essa virtude. Muitos prazeres têm origem nas sensações, Zanuzzi (2010), como o contemplar da arte, proveniente da visão e o cheirar das rosas vindo do sentido do olfato, entretanto, a sensação do prazer é proveniente não de uma modificação corporal mas, da apreensão do objeto pelo sentido.

Como escreve Zanuzzi (2010), estes prazeres podem ser chamados de mistos pois, não são inteiramente corporais pois são resultado de uma apreensão dos sentidos, nem inteiramente anímicos pois envolvem uma modificação corporal.

“Ora, o prazer relativo aos temperantes e intemperantes é aquele prazer corpóreo no sentido estrito, ou seja, aquele que resulta de uma modificação corporal” (ZANUZZI, 2010, pg. 46). Aqui fica evidente a relação entre os sentidos e a temperança, na relação que tem essa virtude e o prazer, a força da impressão captada pelos sentidos é que nos leva a ser mais ou menos temperante. Segundo Zanuzzi (2010), os prazeres que se relacionam com a temperança são os decorrentes dos sentidos do gosto e do tato pois, estes não precisam de uma cognição para serem apreendidos, pois é através destes dois sentidos que captamos se ouve uma modificação no nosso corpo.

Essas modificações prazerosas que sofremos nos são prazerosas em razão da satisfação de necessidades naturais para a sobrevivência, da mesma forma, a dor é uma espécie de programação natural, que nos indica que o corpo está sofrendo e por isso é necessário que nos afastemos daquilo que nos provoca este sofrimento.

Aristóteles afirma que:

 Não há em outros animais, fora o homem, nenhum prazer relacionado com esses sentidos, a não ser incidentalmente. Os cães, por exemplo, não se deleitam com o cheiro das lebres, mas sim em comê-las, e apenas sucede que o faro revela a presença de uma lebre. Nem o leão se deleita ao ouvir o mugido do boi, e sim em comê-lo; mas, pelo mugido, percebe a proximidade do animal, e por essa razão parece que o mugido lhe causa prazer; da mesma forma, não se compraz em ver “um veado ou uma cabra selvagem”, mas sim pela expectativa de devorá-los (EN 1118a 17- 24).

Em razão do prazer sentido pela satisfação dessas necessidades naturais é que se afirma que são corporais, e percebe-se que os prazeres corporais são comum não somente nos homens mas também nos animais, por essa razão são considerados por alguns como sendo bestiais e se dizemos que o homem que busca em excesso esses prazeres se assemelha aos animais.

3.0 A RELAÇÃO ENTRE PRAZER E VIRTUDE.

3.1 A continência e a incontinência.

No capítulo seis do livro VII da ética Aristóteles faz um exame da relação do prazer com a virtude da continência e o vício da incontinência. De acordo com Zanuzzi (2010), uma forma de qualificar o continente e o incontinente é dizer que ambos julgam inadequado seguir excessivamente os prazeres mas, ambos possuem apetites excessivos, seja por, quantidade inadequadas, em horas inadequadas e por objetos inadequados. “O continente é aquele que não cede a tais apetites, ao passo que o incontinente é aquele que cede” (ZANUZZI, Inara, pg. 50). Ainda é preciso (de modo a podermos prosseguir com nosso exame) fazer uma distinção entre a incontinência e intemperança.

O intemperante é levado por seus desejos por sua própria escolha, pensando que deve buscar sempre o prazer presente, ao passo que o incontinente busca tais prazeres da mesma maneira embora não pense assim. (EN, L. VII 1146b, 24- 27).

Aristóteles Afirma que alguns prazeres do corpo são necessários como a alimentação e a conjunção sexual, (com esses prazeres se relacionam a temperança e a intemperança, mas ainda não é a hora de tratarmos dessa virtude), “enquanto as outras coisas não são necessárias, mas são dignas de ser escolhidas por si mesmas (como a vitória, a honra, a riqueza e outras coisas boas e agradáveis deste tipo)”. [EN 1147b 25 – 31].

Aqueles que se excedem nos prazeres do segundo tipo, e com isso contrariam a reta razão, são chamados de incontinentes com especificação, pois não são incontinentes a todos os prazeres mas somente de determinado tipo. O incontinente com especificação o é então em relação a prazeres corporais, pois a incontinência é “censurada não somente como uma falta mas também como uma espécie de deficiência moral” (EN 1148 a 7- 9).

De acordo com Zanuzzi (2010), é possível observar uma distinção entre o incontinente em sentido estrito (em relação aos prazeres corporais) e o incontinente em sentido amplo, no primeiro caso, ou seja do incontinente em sentido estrito, seguem-se dois juízos, o primeiro toma como bom o prazer vindo da satisfação da necessidade corporal, não levando em consideração os prejuízos à saúde, como por exemplo o beberrão que bebe em excesso sem preocupar-se com os danos sofridos pelo corpo. O segundo juízo, possui certa consideração pelo corpo e tenta limitar o objeto de desejo corporal para limitar a

busca do prazer, ou seja, ele associa o prazer a uma única fonte da qual pode ser extraído. Já no caso do incontinente em sentido amplo ele age por falta de uma racionalidade em torno do seu apetite. Uma vez que o primeiro juízo diz que é bom ir atrás do objeto que lhe causa prazer, o segundo lhe diz que ele deve limitar essa busca. Mesmo que haja uma semelhança entre os dois, a diferença surge quando o segundo juízo fracassa, pois o incontinente sem especificação, ou seja, em sentido amplo, age sem uma racionalidade buscando diferentes objetos para a satisfação, e em função de uma insaciabilidade do desejo, tendo em vista o apetite circular.

Aristóteles era muito incisivo e categórico em determinar o que era bom e mau, e o que era uma falta do caráter e o que não era, mas foi extremamente justo e piedoso, além de racional ao afirmar que nem todos os incontinentes agem de tal forma, por falta de controle de si mesmos. Aristóteles abre espaço para tratar dos casos bestiais. Embora alguns homens se deixem dominar pelo vício por falta de um hábito de controlar-se, outros o fazem porque é impossível a eles se controlarem por causa de alguma doença, ou porque nasceram assim, ou porque sofreram violência na infância, como diz Zanuzzi (2010).

Existem indivíduos que são acometidos por desejo de comer terra, em razão de alguma deficiência mental, o ato de comer terra é mau, pois segundo Aristóteles(2013) nele não há, uma justa medida que implique um benefício a saúde, mas o homem que o pratica não é mal em si, e é preciso distinguir isso, assim como afirmamos que tal homem é um mau médico, embora não seja um homem mau, ou que alguém não é bom flautista embora seja um bom amigo ou uma boa companhia. Aristóteles nos diz(2013), que as ações vindas dos incontinentes sem qualificação são más, porque elas simplesmente consistem em não reprimir desejos de estrutura irracional.

Aristóteles ainda faz uma distinção, que consiste em diferenciar o homem surdo à razão por conta dos maus hábitos e do homem que não segue a razão porque seu objeto de desejo está fora dos limites da humanidade. O homem que é censurado por conta de seus maus hábitos, sofre a justiça de ser censurado, pois poderia não ser acometido pelos desejos que lhe causa censura, visto que poderia ter se educado de melhor maneira, entretanto, o homem que é censurado por comer terra, ou unhas ou fetos, não tem culpa no mau que comete, ainda que ele possa não se inclinar rumo ao objeto de deleite, ele não

pode moldar racionalmente seus desejos, de modo que eles deixem de conceber tais objetos como dignos de busca.

As ideias de Aristóteles são inovadoras e diferem das ideias de Sócrates pois seguem uma linha mais racional de pensamento, uma vez que não deixa de levar em conta a força de nossa vontade, e as variáveis que giram em torno da vontade, neste caso a bestialidade. De acordo com Aristóteles (2013), Sócrates achava estranho que um homem dotado de conhecimento fosse levado por desejos deste tipo (bestiais), e ele mesmo não admitia a incontinência, pois, se um homem sabe o que é bom certamente irá escolher agir de acordo com o bem, “uma vez que ninguém age contrariamente ao que julgou melhor, sabendo que está agindo mal, salvo por ignorância”. (EN L.VII 1145b 27-28).

3.2 A TEMPERANÇA E A INTEMPERANÇA.

Seguindo o exemplo de Aristóteles, que optava por tratar de um determinado assunto quando parecesse mais adequado, deixamos por tratar a temperança após a continência e é chegada a hora de nosso estudo sobre ela.

Aristóteles a definiu como sendo a virtude que consiste no justo uso dos prazeres físicos, entretanto ela não está ligada a todos os prazeres físicos, como já tratamos anteriormente. Tomas de Aquino (2006) escreve que os prazeres relativos à temperança são os prazeres do gosto e do tato, “os que derivam da alimentação, da bebida e do sexo (ABBAGNANO, nicola. Dicionário de filosofia, p. 955).

Se a temperança é o uso justo dos prazeres físicos, fica claro que a intemperança é o seu oposto, ou seja, o uso injusto, e essa injustiça consiste em exceder a medida dos prazeres. Se o homem que come só o que é necessário para satisfazer as necessidades do corpo é chamado de temperante, é natural que o homem que come além do necessário para seu corpo, apenas pelo prazer que sente ao degustar uma boa comida, seja censurado e chamado de intemperante.

As pessoas intemperantes são assim chamadas porque sofrem mais do que devem quando não conseguem obter as coisas agradáveis (com efeito, neste sentido o prazer causa sofrimento), e o homem temperante recebe esse nome porque não sofre com a falta do que é agradável e nem com o fato de se abster-se. (EN L III, 1118 b 31- 36).

Eis o motivo que leva os homens a se excederem na busca do que lhes satisfaz, a falta lhes causa sofrimento, todo homem deve fugir daquilo que lhe faz sofrer, Entretanto, se o homem temperante não sofre é porque este educou-se mais de modo que o espírito ou a razão lidam melhor com a falta do objeto de prazer.

Dizer que o homem temperante não sofre com a falta dos objetos de prazer, não é dizer que ele não sofre, mas ele sofre moderadamente, nunca em excesso. O homem temperante também tem desejos, mas deseja aquilo que é bom para o corpo e para a saúde, mas sempre na justa medida. Para Aristóteles, aqueles que não se comprazem de nada, ou muito menos do que é justo, não são uma espécie de homem e nem recebem nome porque são tão raros que chegam a ser quase inexistentes. (Aristóteles, 2013).

Por conseguinte, os apetites devem ser poucos e moderados, e não devem opor-se de modo algum ao princípio racional – é isso o que queremos dizer com obediência e disciplina. E assim como a criança deve viver de acordo com as orientações do seu preceptor, também o elemento apetitivo da nossa alma deve subordinar-se ao princípio racional. (EN L III 1119 b 12 – 17).

Aristóteles (2013) conclui que no homem temperante o elemento do apetite deve estar harmonizado com o princípio racional, de maneira que ambos conduzam ao que é nobre, e o homem temperante deve desejar na justa medida e nas ocasiões certas o que é justo desejar.

4.0 SOBRE O PRAZER E O BEM.

Aristóteles (2001) inicia seu discurso na ética nicomaco afirmando que toda arte e investigação, assim como toda ação e toda escolha visam um bem qualquer (EN, LI,1094^a 1 – 3) Ora, podemos dizer que se fazemos algo voluntariamente e em vista de nosso próprio interesse é porque entendemos que isso é bom segundo nossas ideias e necessidades. Sendo assim, podemos afirmar que os homens buscam o prazer, ou melhor, buscam aquilo que lhes dá prazer porque o prazer é uma espécie de bem. A princípio essa rápida explicação parece bastar para justificar a busca pelo prazer, e para muitos essa explicação bastaria, Entretanto há mais coisas a se levar em consideração sobre a relação que existe entre o bem e o prazer.

Tomás de Aquino (2013), comentando Aristóteles, escreve que alguns homens consideram o prazer como uma espécie de bem, enquanto outros afirmam o contrário, apontando o prazer como perverso, mas além destes dois tipos de gente há um terceiro tipo. Segundo ele alguns não acreditam que o prazer seja perverso, mas, para nossa vida é melhor que o anunciemos como pernicioso, para que assim os homens sintam aversão a eles, e diminuam suas inclinações para que não se tornem escravos da vontade.

Segundo Tomás de Aquino (2013), as pessoas agem dessa forma porque não têm capacidade de fazer uma real distinção entre os bons e maus prazeres, e com isso acabam julgando como bom, o que o é, apenas em um caso particular e com isso criam de maneira errônea uma regra geral.

Aristóteles ainda expõe as razões de Eudoxo (Filosofo, matemático e astrônomo respeitado na época), que julgava ser o prazer bom porque ambos os homens e o animais o buscam (Aquino 2013), e se todos buscam o prazer é porque ele é naturalmente bom. Mas como aprendemos anteriormente, pode ser que um homem busque um objeto que lhe é prazeroso, pela falta de racionalidade e de bons hábitos, sendo portanto um prazer pernicioso a alma, pois a sensibilidade não leva em consideração o que é racionalmente, ou, virtuosamente bom, mas só o que é bom no momento presente.

Eudoxo tinha razões para considerar o prazer não só como um bem mas também como ótimo, sendo o bem em si. Os platônicos discordavam de sua teoria pois afirmavam que o bem, para que seja em si mesmo, deve ser

determinado, e o prazer não o é, pois sofre variações (Aquino, 2013). Aristóteles concorda que o prazer não seja uma bem em si mesmo, mas não segundo as razões vindas dos platônicos, De acordo com Aristóteles (2001) se o prazer não pode ser considerado bom, por razão de ser indeterminado, as virtudes também não devem ser considerados boas, pois, “segundo as quais recebem diferente gradação, para mais ou para menos: alguns são mais e outros menos justos ou fortes” (AQUINO, 2013 pg. 31), e essa afirmativa deve valer para as ações visto que alguns são mais e outros menos temperantes, e mais ou menos corajosos e honrados como escreve Aquino (2013). Tomás de Aquino (2013) escreve que o prazer orientado para um fim e resultante de uma atividade virtuosa, deve ser chamado determinado, como é no caso, da saúde que é conveniente a natureza humana e prazerosa.

Três razões convencem Aristóteles de que o prazer não é universalmente bom:

A primeira consideração trata do prazer que muitas vezes não é bom, sendo de várias espécies. Esta consideração se manifesta na diferença entre um amigo e um adador, pois chamamos de amigo [aquele com quem nos relacionamos devido ao] bem, e de adador, [devido] ao prazer. O adador é censurado, e o amigo, honrado. É óbvio que cada um deles conversa conosco, motivados por uma razão diversa e oposta da do outro. Concluímos, portanto, que uma coisa é o bem, e outra diversa é o prazer. (AQUINO, 2013, pg. 39).

A primeira razão dada por Aristóteles parece simples, pois o é, além de ser verdadeira e inegável se refletirmos um pouco sobre ela, podemos dizer que o prazer vindo do adador é torpe, pois não nos faz realmente bem, visto que o adador ignora nossas faltas, e o amigo as corrige.

A segunda razão de Aristóteles, comentada por santo Tomás, diz que assim como ninguém escolhe ter uma mente infantil por toda uma vida, e a principal característica da mente infantil, é a de atribuir aos prazeres uma máxima estima, (Aquino 2013), então isso significa que, ninguém quer ter durante toda sua vida uma alegria devotada aos prazeres. A segunda razão de Aristóteles já se opunha ao pensamento hedonista que afirmava que todos os prazeres, mesmo os torpes deveriam ser apetecidos e saciados.

Por fim a terceira razão de Aristóteles, comentada por Tomás de Aquino diz que muitas das coisas desejadas pelos homens não lhes trazem nenhum prazer, como recordar, conhecer e possuir virtudes (Aquino 2013). Segundo

Aristóteles o propósito destas ações não muda, pois independente do prazer que possa resultar delas, elas se concretizam.

“Mas o bem suficiente por si existe de tal modo que, sem ele, nada pode ser escolhido, como percebemos na felicidade. Assim o prazer não é o bem suficiente por si. (AQUINO, 2013, pg. 40).

A conclusão de Aristóteles de que o prazer não é o bem suficiente por si, se baseia na ideia de que nem todo prazer pode ser escolhido, entretanto nenhum homem, poderia deixar de escolher o bem em si mesmo, assim como ninguém escolhe não ser feliz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Depois de abordada e exposta a ideia de prazer segundo Aristóteles, conclui-se que ele foi muito mais abrangente no campo do desenvolvimento de suas teorias que seus predecessores. Ao mesmo tempo que expõe uma nova e mais completa (Porque leva em consideração mais elementos da vida humana) visão do que é o prazer, Aristóteles rebate as antigas afirmações e doutrinas já assimiladas pelos demais. A visão de Aristóteles se mostra atual mesmo após tantos séculos, e com isso pode se concluir que seu pensamento seja perene.

Este trabalho foi elaborado a fim de contribuir como uma nova fonte de pesquisa a respeito do tema proposto, e para proporcionar uma maior conhecimento do autor.

Os objetivos propostos foram alcançados por meio de pesquisa bibliográfica, uma vez que os objetivos iniciais foram alcançados este trabalho dá-se por encerrado.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ARISTÓTELES, **ética a nicomaco**, 6º ed. São Paulo: Martin Claret, 2001.

REALE, Giovanni, **História da filosofia antiga vol. 2**, 1º ed. São Paulo: Loyola, 1931.

REALE, Giovanni, **Introdução a Aristóteles**, 1º ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

AQUINO, Tomás, **Sobre os prazeres**, 1º ed. Campinas – SP: Ecclesiae, 2013.

AQUINO, Tomás, **Comentário a ética de Aristóteles**. Disponível em: <
<https://www.passeidireto.com/arquivo/20568681/santo-tomas-de-aquino---comentario-a-etica-de-aristoteles---condensado+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>.

ZANUZZI, Inara, **A cerca da compreensão do prazer em Aristóteles**, Revista Letras, Curitiba, n. 80, Ed. UFPR, 2010.